

JORNAL DO KRIYA YOGA DE BÁBAJI

VOLUME 25 | NÚMERO 2 | INVERNO 2018

Publicado quadrimestralmente por Babaji's Kriya Yoga and Publications, Inc.

196 Mountain Road P.O. Box 90 - Eastman, Quebec, Canada JoE 1Po

Tel. (450) 297-0258 | fax: 450-297-3957 | info@babajiskriyayoga.net | www.babajiskriyayoga.net



Sumário

1. O mistério e a beleza da Kriya Yoga de Bábai,
por M.G. Satchidananda
2. A liberdade absoluta no mundo pós-humanista
(parte 2), *por M. G. Satchidananda*
3. Entendendo e gerenciando a raiva com
meditação, *por M.G. Satchidananda*
4. Perfis: Acharyas Annapurnama e Ganapati
5. Notas e notícias



1

O mistério e a beleza da Kriya Yoga de Bábaji

Por M. G. Satchidananda

Celebramos este ano o 25º aniversário do Ashram de Québec, fundado em 15 de agosto de 1992, o 21º aniversário da Ordem de Acharyas de Kriya Yoga de Babaji, fundada em 31 de maio de 1997, e o 20º aniversário das primeiras iniciações oferecidas no Brasil. Vamos comemorar estas datas tão especiais com um grande encontro de Acharyas e Sadhakas no Ashram de Quebec, de 28 de junho a 3 de julho, além de um outro encontro na cidade de Cunha, em São Paulo, de 15 a 20 de novembro. Cada um de nós pode celebrar como a Kriya Yoga da Graça de Babaji tem nos ajudado a penetrar o mistério de nossas próprias vidas.

A vida é cheia de mistério. Cientistas e filósofos tentam solucionar alguns destes mistérios, mas falham quando alcançam as limitações da razão e a coleta e medição de evidências empíricas. Como abordamos no último jornal, cientistas não conseguem determinar o que é a consciência, pois ela não é um objeto. Os investigadores, no entanto, têm insights ao seguir os passos dos místicos.

Muitas vezes, os mistérios são referidos como o “obscurecimento” nos poemas dos Yôga Siddhas, como o Tirumandiram. Nestes, e na literatura filosófica do Shaivismo da Caxemira, o “obscurecimento” é uma das cinco ações de Shiva. As cinco ações são: criação, preservação ou sustentabilidade, dissolução, obscurecimento e graça. De uma perspectiva cósmica ou metafísica, Deus cria um corpo físico no qual cada alma pode experimentar as consequências de seu karma, seja ele bom ou ruim. O Senhor preserva o corpo por algum tempo e preserva alguns relacionamentos íntimos com outras pessoas, como familiares e amigos, para que a alma possa crescer com sabedoria por meio das lições da vida. O Senhor dissolve o corpo físico, as relações e situações quando novos são necessários para que a alma cresça ou quando o karma da alma exige. O Senhor cria o obscurecimento para que a alma possa buscar a verdade diligentemente além dos prazeres e dores efêmeros da vida, e assim ganhar sabedoria, auto-realização e despertar para a unidade dentro da diversidade. A graça do Senhor, a quinta ação, permeia todas as outras quatro ações, e apoia a alma ao trazê-la para seu abraço na realização da unidade e da não-dualidade. Assim como Tirumular, o autor de Tirumandiram, diz: “Eles não são dois”, em referência à Shiva, o Senhor, e aos jivas individuais, as almas.

O que muitas vezes não é compreendido ou completamente apreciado pelos Sadhakas da Yôga é que as cinco ações de Shiva também ocorrem dentro de cada um de nós, a todo momento. Além disso, Shiva testemunha o jogo de sua força criativa, conhecida como Shakti, em tudo, inclusive em nós mesmos. Você pode dividir essa perspectiva cósmica de Shiva afastando-se da tagarelice de sua mente e permanecendo como Testemunha. Quando você se identifica como a pura consciência, ou Shiva, e não com os movimentos da sua mente, pode testemunhar pensamentos, emoções e sensações sendo criadas, permanecendo por alguns instantes, e se dissolvendo. Os sábios apreciam como

os pensamentos, emoções e sensações obscurecem a luz da consciência e nossa unidade essencial com tudo quando nos identificamos com elas.

Essa obscuridade e falsa identificação nascem do egoísmo, o princípio da natureza pelo qual a consciência se torna individualista e conseqüentemente contraída e identificada não somente com um corpo físico particular, mas também com os movimentos individuais da mente. Quando há apego ou aversão, desejo ou medo, seu movimento pelos nossos corpos mentais e vitais ficam presos em repetições obsessivas, até - ou ao menos - que sejam digeridas pelo testemunho ou pelo abandono de cada uma delas. Conseqüentemente, eles formam ainda mais obscuridade à medida que medos e desejos se tornam habituais, e memórias, agradáveis ou dolorosas, são tratadas.

A Graça opera sempre que nós vemos claramente através dos véus, ou destes movimentos mentais, da perspectiva da alma, ou Testemunha, e deixamos ir. O “chitta vritti”, (Yoga Sutras I.2), nos mantém em um estado de obscuridade, absorvidos pelos agentes de maya, chamados de tempo, desejo, poder limitado, conhecimento limitado e karma. A Graça, operando por meio da prática da meditação, nos permite testemunhá-los, metabolizá-los e concluí-los. O estudo e a contemplação da literatura sagrada, também graciosamente revela sabedoria, que nos ajuda a lembrar que talvez tenhamos esquecido de superar o sofrimento. A Graça nos permite ver claramente, aquietar a mente, ter uma consciência pura e penetrar o véu da obscuridade e da falsa identificação com os movimentos mentais e emocionais. Pode ser uma experiência em que “vemos a luz”, ou como se diz “surpreendente”, “de tirar o fôlego”, ou ainda, nos fazer sentir a presença do Senhor. “Foi tão bonito.” É geralmente uma experiência fugaz. O objetivo do Yoga e do Tantra é manter esse estado de Graça, atravessando a ponte das quatro ações, cessando a identificação com as movimentações da mente, ou, em outras palavras, o egoísmo. Yogananda, por exemplo, definia Deus como “uma alegria sempre nova”.

Aqui está a beleza da Kriya Yoga de Babaji e a causa de nossa celebração da Graça que foi trazida até nossas vidas. Por meio do desapego contínuo, ou vairagya, nós cessamos a identificação para compreender os movimentos da mente. (YS I.12). Com a prática de Kriya Kundalini Pranayama e dos bija mantras, nosso poder potencial e consciência, kundalini, forma como que uma agulha sônica, que perfura os bloqueios nos pontos nodais, os chakras, e no canal central, sushumna. Quando esses bloqueios são removidos com a prática dos cinco caminhos da Kriya Yoga de Babaji, nós vemos e agimos no mundo pela perspectiva dos chakras superiores. Como místicos, realizamos anbu sivam, ou “O amor é Deus”, e experienciamos a nossa unidade no todo.

Nossa evolução como Sadhakas

Como seres humanos, nossa evolução nos deu um sistema nervoso e hormonal, criado para assegurar nossa sobrevivência. Nós temos uma rede padrão, incluindo o ego, a mente com sua memória e os cinco sentidos, que nos permite enfrentar os desafios da vida, e que ordena nossas reações físicas e emocionais, assim como medos e desejos. Nosso sistema é programado, por meio dos hábitos, a reagir rápido, automaticamente, e com eficiência. Isso traz a consciência sobre o que precisamos fazer a cada momento. A meditação nos leva para uma parte diferente do cérebro, uma rede centrada e presente, onde desfocamos, e onde podemos reconhecer pensamentos negativos e emoções e perseguir uma resposta positiva. A consciência reconhece como “algo está errado”, quando nos sentimos mal,

e não como “tem alguma coisa errada comigo”, que é o ego falando. No início, durante a meditação, ouvimos “estou ressentindo” ou “estou com medo”, como memórias de emoções negativas que estão surgindo. Mas, quando nos tornamos calmos, podemos ver essas emoções e as memórias a elas associadas como mensageiros, apontando para um lugar mais profundo de vulnerabilidade, onde nossa necessidade de separação ou sobrevivência não é mais ameaçada. Podemos perguntar a nós mesmos: “Qual a ação mais apropriada posso tomar em responsabilidade a esta emoção para um padrão de bem estar que me possibilite permanecer em equilíbrio?”. Quando testemunhamos emoções, tanto em eventos pessoais quanto como mensageiros impessoais, as digerimos, completamos seu ciclo rapidamente, e revelamos sua identidade.

Cada um de nós tem acumulado hábitos de reação emocional. Nós podemos encará-los como mecanismos de sobrevivência. Mas eles não devem nos limitar. Podemos dissolvê-los e curá-los. Tais hábitos obscurecem a luz da consciência interior como um papel de seda encobrindo uma lâmpada. A meditação atua na remoção do papel para que possamos ver sob a luz da eqüanimidade de forma contínua e sem esforço.

Buddha disse: “*Não é a primeira flecha que causa o dano. É a segunda e a terceira flecha*”. Ele estava se referindo às primeiras emoções e à reação a elas como a segunda, e a reação à reação como a terceira, que cria os samskaras (hábitos emocionais) e os vasanas (tendência a se debruçar sobre memórias dolorosas ou agradáveis).

O ego e os cinco sentidos mantêm um senso de separação. Mas, na verdade não há separação. Há uma unidade harmoniosa em tudo. Em um nível social, podemos estar separados. Mas na meditação, cada um de nós pode sentir a conexão subjacente, a harmonia e a unidade com os outros. Esse é o mistério que a meditação graciosamente revela. A meditação desperta um sétimo sentido de unidade. A vida se torna uma amostra interminável do Verdadeiro, do Bom e do Belo. Podemos celebrar não apenas nossos aniversários este ano, mas com admiração podemos nos maravilhar por todos os momentos da vida, não só como buscadores, mas como yôguis que têm uma visão mística.



2

Liberdade absoluta no mundo pós-humanista

Parte 2

Por M. G. Satchidananda

“Inteligência Artificial poderia trazer o fim da raça humana.”

- Stephen Hawkins, renomado físico.

“Inteligência Artificial representa uma ameaça fundamental para a humanidade.”

— *Elon Musk, fundador da Tesla*

“Quem quer que domine a Inteligência Artificial se tornará governante do mundo.”

— *Vladimir Putin*

“A China dominará a IA até 2030.”

— *Erich Schmidt, presidente da Alphabet, empresa-mãe do Google*

Como mencionado no início da Parte 1, embora as questões mais prementes para muitos seres humanos incluam mudanças climáticas, crescente desigualdade econômica, perturbações no mercado de trabalho e a ameaça de guerra, se tivermos uma visão mais ampla, alguns argumentarão que todos problemas dos seres humanos são ofuscados por três processos interligados:

“1. A ciência está convergindo para um dogma abrangente, que diz que os organismos são algoritmos e a vida é o processamento de dados.”

“2. A inteligência é dissociada da consciência.”

“3. Algoritmos inconscientes, mas altamente inteligentes, podem em breve nos conhecer melhor do que nós mesmos.”

— *Yuval Noah Harari, Homo Deus, p. 402*

As afirmações da abertura deste artigo são de renomados cientistas nas áreas de biotecnologia, genética, inteligência artificial e ciência da computação. Eles estão no centro dos desenvolvimentos que estão sendo feitos pelas maiores empresas de tecnologia do mundo, incluindo Google, Facebook, Amazon e outras. Atualmente, essas empresas estão desenvolvendo aplicações que usam Big Data, codificação genética, nanorrobótica e bioengenharia para atualizar o Homo sapiens, criando essencialmente uma nova espécie, com poderes divinos e até imortalidade. Este salto evolucionário na humanidade pode produzir uma nova casta de elite e, que será tão diferente do Homo sapiens moderno quanto o Homo sapiens é dos neandertais.

Para entender por quê, devemos primeiro examinar como o humanismo se desenvolveu e levou-nos ao limiar do que pode ser um mundo orwelliano, no qual nossas liberdades pessoais podem ser perdidas - ou preservadas por aqueles que adotam um caminho espiritual.

As três seitas do humanismo

Seguindo suas origens no século XVIII com os escritos de Rousseau, Locke, Hume, Mill, Voltaire, Montaigne e Jefferson, o humanismo dividiu-se em três seitas principais. A forma ortodoxa original enfatiza a liberdade individual e é, portanto, conhecida como humanismo liberal ou simplesmente liberalismo. Sustenta que todo ser humano é um indivíduo único, dotado de uma voz interior distinta e de uma série única de experiências. Todo ser humano agrega valor ao mundo e, portanto, deve

receber o máximo de liberdade possível para experimentar o mundo, seguir suas vozes interiores e expressar suas verdades interiores e encontrar seu próprio significado ou propósito. Na política, na economia e na arte, o livre arbítrio individual é muito mais importante do que os interesses do Estado e das instituições ou doutrinas religiosas. Quanto mais indivíduos gozam de liberdade, mais bonito e rico o mundo se torna. O eleitor individual, o cliente individual, o pensador ou buscador individual e o artista, sabem melhor.

Quando Nietzsche declarou “Deus está morto”, referiu-se à percepção de que, pelo menos no Ocidente, Deus havia se tornado uma idéia abstrata que os indivíduos estavam livres para aceitar ou rejeitar, com poucas consequências. Deus não era mais a fonte de autoridade para escolhas políticas, éticas, estéticas e econômicas. A experiência individual assumiu essa autoridade. Até mesmo a crença em Deus tornou-se uma escolha individual.

Durante os séculos 19 e 20, quando o humanismo ganhou aceitação, duas formas muito diferentes emergiram dele: o humanismo socialista e o humanismo evolucionário. O humanismo socialista surgiu com os escritos de Karl Marx e outros reformadores em resposta à crescente desigualdade social, provocando uma série de movimentos socialistas e comunistas. O humanismo evolucionário emergiu sob a influência do darwinismo resultando em muitas teorias pseudo-científicas e racistas conhecidas como eugenia, cujos defensores mais famosos foram os nazistas. Tanto o humanismo socialista quanto o humanismo evolucionário concordaram que a experiência humana, em vez do dogma religioso, era a fonte última de significado e autoridade.

Por exemplo, de acordo com o humanismo socialista, a opressão dos trabalhadores não é ruim porque a Bíblia assim diz, mas por causa a miséria humana. Por outro lado, o humanismo liberal aborda as contradições e conflitos que o indivíduo experimenta e deseja, inevitavelmente, gerar. As eleições democráticas, defendidas pelo humanismo liberal, geralmente só são efetivas para as populações vinculadas por um acordo comum sobre princípios básicos, como crenças religiosas, história ou valores compartilhados. Consequentemente, o liberalismo fundiu-se com o nacionalismo durante o século XIX para enfatizar a singularidade ou a grandeza de nações individuais. Infelizmente, o liberalismo tendeu a ignorar as necessidades específicas de cada sociedade, e muitas vezes foi cúmplice de guerras entre as nações.

Os adeptos do humanismo socialista criticam os liberais por se concentrarem em seus próprios sentimentos em vez das experiências dos outros. Enquanto o liberalismo enfatiza a singularidade individual e a internalização da atenção, o socialismo exige que os indivíduos parem de pensar em si mesmos, nos seus sentimentos e em suas necessidades e, em vez disso, prestem atenção às necessidades e sentimentos dos outros e em como, efetivamente, as ações individuais têm um efeito sobre a experiência de outras pessoas.

Em vez de enfatizar a singularidade de cada nação, o socialismo nos diz que a paz e a prosperidade globais resultarão da unificação dos trabalhadores do mundo e da prioridade às necessidades dos outros em detrimento dos próprios desejos. O socialismo me diz que, em vez de trabalhar com um terapeuta para superar minhas fontes internas de sofrimento, devo questionar e compreender o sistema econômico capitalista prevalecente para, verdadeiramente, entender meus sentimentos. Os males do sistema, segundo conceitua o socialismo, somente são superados quando as pessoas participam através de ação coletiva com os outros, através de sindicatos ou partidos políticos, seguindo uma liderança.

O humanismo evolucionista fornece uma solução diferente para o problema de resolver as diferenças na experiência humana. Baseado nas teorias da evolução de Charles Darwin, argumenta que a humanidade evolui através de um processo de conflito e seleção natural, no qual alguns humanos superiores são obrigados a oprimir os humanos inferiores. Assim fazendo, a humanidade torna-se mais forte, e até mesmo super-humana. A evolução não cessou com o Homo-sapiens, mas o processo evolutivo ainda pode cessar se permitirmos que os direitos humanos imponham a premissa de que todos os humanos devam ser tratados como iguais.

A experiência e contribuição de um gênio é superior à de um idiota ou bêbado. Da mesma forma, as nações que mais contribuíram para o progresso humano são superiores àquelas que pouco contribuíram. A guerra leva a humanidade a novas conquistas e permite a operação da seleção natural - a sobrevivência do mais apto. Como Nietzsche disse, “o que não me mata me fortalece”.

A experiência de Hitler nas linhas de frente durante a Primeira Guerra Mundial transformou-o. Ensinou-o a conquistar seu medo e dominar sua força de vontade. Mostrou-lhe que o mundo é uma selva governada pelas leis da seleção natural. As pessoas votaram nele porque se identificaram com ele, suas origens comuns e sua experiência de guerra. O nazismo, no entanto, foi o resultado do emparelhamento do humanismo evolutivo com teorias raciais e emoções ultra-nacionalistas. Nem todos os humanistas evolucionistas são racistas. Nem todos os socialistas são comunistas. A crença no potencial evolutivo da humanidade não requer guerra, campos de concentração ou ditaduras.

Ao longo do século XX, essas três seitas do humanismo lutaram entre si em duas guerras mundiais e, posteriormente, durante a chamada Guerra Fria. No início do século XXI, não há alternativa séria à prescrição do humanismo liberal de mercados livres, democracia, individualismo e direitos humanos. Apesar do fato de a China não ser uma democracia nem uma economia de livre mercado, na prática, não é mais um país comunista. Existe, na verdade, um vácuo ideológico na China, que o torna o lugar mais provável para o desenvolvimento das novas tecno-religiões que estão emergindo do Vale do Silício, que serão discutidas abaixo.

Os objetivos conflitantes da ciência, religião e espiritualidade

A espiritualidade é uma busca intransigente da verdade. Nem a religião nem a ciência se importam muito com a verdade. A religião preocupa-se principalmente com a manutenção da ordem social. É legalista, tem leis, julgamentos promissores e subseqüentes recompensas e punições. A ciência preocupa-se principalmente com o poder. Procura obter o poder de curar doenças, prevenir a fome e desenvolver armas mais eficazes para conquistar ou dissuadir inimigos. Individualmente, os religiosos e cientistas podem valorizar altamente a verdade, mas coletivamente, em suas instituições buscam a ordem social e o poder mais do que verdade. Eles são, portanto, capazes de coexistir, comprometer-se e até formar alianças. A busca espiritual da verdade raramente pode sobreviver com as restrições de instituições religiosas ou científicas. O debate sobre a fonte da consciência, discutido na primeira parte deste artigo, exemplifica as limitações institucionais da pesquisa científica.

A história moderna é um processo de negociação que define um acordo entre ciência e humanismo. Hoje, poucos cientistas questionam o humanismo. Em vez disso, a sociedade usa a ciência para implementar o credo humanista liberal. Modernidade requer crescimento. A busca moderna pelo poder

é alimentada pela aliança entre progresso científico e crescimento econômico. A afirmação de que o crescimento pode resolver todos os problemas tornou-se o mantra dos políticos, economistas e tecnocratas, para não mencionar também os indivíduos como consumidores. Este mantra é aplaudido por religiosos que vêem o crescimento como um meio de evitar os problemas da pobreza, da fome e da guerra. Mas o mantra de “mais coisas” faz com que indivíduos, empresas e governos desconsiderem qualquer fator que possa restringir o crescimento econômico, incluindo os laços familiares tradicionais e os efeitos negativos sobre o meio ambiente.

Em um mundo capitalista acredita-se que a vida dos pobres só melhora quando a economia cresce. Apesar do fato de que são os pobres que mais sofrem com a destruição ambiental, no capitalismo a necessidade de crescimento econômico supera a proteção das necessidades do meio ambiente. O capitalismo, como uma crença que beira a religião, substituiu a “torta no céu”, com milagres aqui na terra, e os profetas - capitalistas de risco - exaltam como um primeiro mandamento: invista seus lucros! Mesmo como indivíduos, a modernidade impele cada um de nós a lutar por mais renda e um padrão de vida mais alto, e desmantelou as disciplinas de longa data que restringiam a ganância. Mas o crescimento está agora atingindo seus limites, com a ameaça do colapso econômico e a destruição do meio ambiente. A corrida da modernidade afeta-nos tanto individual como coletivamente. Como Karl Marx escreveu no Manifesto Comunista, a modernidade requer incerteza e perturbação. Cada geração substitui o velho mundo por um novo mundo. Estruturas reguladoras rapidamente se tornam desatualizadas Assim como os humanos.

Os seres humanos estão se tornando desatualizados

No passado, havia muitas coisas que apenas humanos podiam fazer. Mas hoje, computadores, inteligência artificial, e robótica estão superando rapidamente o desempenho humano. Embora a inteligência de computadores tenha crescido enormemente nos últimos 60 anos, houve um desenvolvimento zero na consciência computacional. No entanto, os seres humanos correm o risco de perder seu valor econômico porque a inteligência é dissociada da consciência. **Esta é a primeira grande ameaça prática ao humanismo liberal.**

Usando o reconhecimento de padrões e algoritmos não-conscientes, a inteligência artificial está começando a substituir seres humanos em tarefas como diagnosticar doenças, identificar terroristas, dirigir carros, pilotar aviões, além da fabricação de uma ampla gama de produtos usando robôs e impressoras 3D. Pelo menos para exércitos e muitas corporações, a inteligência é necessária, mas a consciência é opcional.

Se proibirmos os seres humanos de dirigir carros, podemos conectar todos os veículos em uma única rede, com muito menos acidentes, muito menos congestionamento e muito mais tempo livre para os motoristas lerem, em vez de observarem a estrada. Funcionários bancários, agentes de viagens, corretores de ações e até mesmo advogados estão sendo substituídos pela automação. Professores digitais estão sendo desenvolvidos para monitorar cada resposta que eu dou e quanto tempo levei reagir. Serão capazes de discernir minhas fraquezas e forças, e identificar quais são meus interesses. Pode ser mais fácil substituir os médicos, mesmo os especialistas, por médicos digitais. Em um experimento recente, um algoritmo de computador diagnosticou corretamente 90% dos pacientes com

câncer de pulmão, enquanto os médicos tiveram uma taxa bem sucedida de apenas 50%, no mesmo período. Conseqüentemente, os seres humanos perderão seu valor como entidades econômicas individuais. O que acontecerá com pessoas que não são empregáveis na economia emergente?

A segunda grande ameaça ao humanismo liberal é que os indivíduos perderão sua autoridade individual, sendo gerenciados por algoritmos externos. As pessoas continuarão a compor música, investir em dinheiro, cuidar de outras pessoas e ensinar química, mas os algoritmos entenderão melhor os humanos do que eles próprios e serão os responsáveis, cada vez mais, pelas suas decisões mais importantes.

Um estudo recente afirmou que um algoritmo do Facebook é um melhor juiz de personalidade do que os amigos, pais e cônjuges das pessoas. O teste foi realizado com mais de 86 mil voluntários com , que deveriam fornecer respostas para 100 perguntas sobre sua personalidade. O algoritmo foi capaz de prever as respostas com base no histórico de clicar no botão Curtir, indicando quais websites, fotos e postagens os indivíduos gostaram. O algoritmo precisou de apenas um conjunto de 10 curtidas para superar as previsões de colegas de trabalho, 70 curtidas para superar os amigos, 150 curtidas para superar os membros da família e 300 curtidas para superar os cônjuges. Se você clicou no link “curtir” pelo menos 300 vezes usando o Facebook, o algoritmo pode prever suas opiniões e desejos melhor do que as pessoas mais próximas a você. Em alguns campos, como o consumo, o algoritmo foi mais preciso do que as respostas fornecidas pelas próprias pessoas.

Os pesquisadores concluíram que as pessoas podem abandonar seus próprios julgamentos psicológicos e confiar em computadores para adotar decisões sobre a vida, por exemplo, sobre as carreiras, atividades e parceiros. O mesmo estudo foi capaz de identificar o que os candidatos políticos precisavam dizer para influenciar o voto dos eleitores indecisos em certos distritos eleitorais norte-americanos onde o voto é muito disputado.

Atualmente o Google está construindo um enorme banco de dados sobre saúde humana, como parte de seu “Estudo de Base”. A plataforma identifica tendências de surtos e incidência de várias doenças detectando as palavras usadas mais frequentemente em suas pesquisas e e-mails privados. Pode prever epidemias. Também é capaz de fornecer dados biométricos dos usuários de dispositivos portáteis, como o Google Fit. Nesse processo, pretende obter dados de DNA de pessoas que enviam uma amostra de sua saliva para análise a uma empresa privada, a 23andMe, fundada por Ann Wojcicki, a ex-esposa do co-fundador do Google, Sergey Brin. Em troca, você recebe uma lista dos possíveis riscos à saúde que provavelmente encontrará e sua predisposição genética a mais de 90 características e condições, incluindo calvície e cegueira. À medida que o banco de dados cresce, também aumentará a precisão das previsões.

Juntamente com as outras fontes de dados, mencionadas acima, será capaz de nos proteger de uma série de problemas médicos, incluindo câncer, doenças cardíacas, diabetes e Mal de Alzheimer. Juntamente com os dados de personalidade do Facebook, o Google conhecerá cada um melhor do que a própria pessoa. Não se deixará enganar pelas histórias que contamos, os auto-enganos que levam aos hábitos nocivos, relacionamentos difíceis e carreiras insatisfatórias, porque o Google vai lembrar de tudo o que fizemos.

À medida que um banco de dados desse tamanho cresce, as pessoas começarão a confiar nele, mais do que em sua própria narrativa, para sustentar decisões importantes. Na medida em que as pessoas

abrem mão de si, deixam de existir como indivíduos, passando a ser partes integrantes de uma rede global. Nesse processo, gradualmente abandonarão o livre-arbítrio e deixarão de decidir o que é bom, em quem votar, qual é o sentido da vida, o que é bonito.

As eleições democráticas se tornarão obsoletas, porque o Google poderá analisar e apresentar minhas opiniões políticas melhor do que eu mesmo. Atualmente, os eleitores não se lembram de tudo o que pensaram ou sentiram desde a última eleição, e estão mais sujeitos à propaganda ou eventos mais recentes, que podem distorcer suas opiniões. Estudos demonstraram que os eleitores estão inclinados para a recordação dos eventos mais recentes.

À medida que o Google, o Facebook e outros algoritmos obtêm acesso a mais e mais dados sobre você, eles podem se tornar seu agente, até mesmo sua régua. Já existem aplicativos que podem direcioná-lo no tráfego. A Microsoft está desenvolvendo um assistente pessoal conhecido como Cortana, que tem acesso a todos os seus arquivos e pode oferecer conselhos e atuar como um agente virtual em diversas áreas de sua vida. Por exemplo, interromper você para lembrá-lo de um compromisso ou solicitar que você tome o remédio. Ou, quando estiver prestes a entrar em uma reunião de negócios, avisar que sua pressão arterial está muito alta, sua dopamina muito baixa e, com base em estatísticas anteriores, que você tende a cometer sérios erros nessas condições. Portanto, adie a assinatura de qualquer contrato. Eventualmente, sua Cortana pode se comunicar com a Cortana dos outros para decidir onde e quando uma reunião ocorrerá. Ou, em vez de enviar seu currículo para um emprego, permitir que o empregador se comunique com sua Cortana. Ou, em ação completamente desconhecida pelos seus donos, uma Cortana pode ser abordada pela Cortana de um potencial parceiro romântico. Os dois irão comparar suas anotações e decidir se seus proprietários formam um bom par potencial. Quanto mais autoridade em nossas vidas, com maior sofisticação a Cortana pode determinar nosso grau de sucesso nos mercados de trabalho ou casamento. Então, indivíduos com um modelo mais atualizado de “assistente pessoal” podem ter uma vantagem sobre aqueles com os modelos mais antigos.

Dispositivos como o Cortana não poderão ser substituídos tão facilmente quanto desligar o despertador de um relógio. Terá muito mais poder sobre você, porque ele o conhecerá melhor do que você mesmo e saberá exatamente quais botões internos pressionar para que você siga seus conselhos. O Google Now e o Siri da Apple também estão sendo desenvolvidos nos moldes da Cortana.

Os algoritmos da Amazon estudam você agora e recomendam quais livros ler e quais filmes comprar, com base nas escolhas de pessoas com gostos semelhantes aos seus, todas registradas em seu banco de dados. Os livros digitais são agora mais populares que os impressos nos EUA. Se os leitores digitais, como o Kindle, da Amazon, estiverem equipados com sensores biométricos e de reconhecimento facial, saberão como cada frase que você lê influencia sua frequência cardíaca e pressão arterial, onde você ri, e ou onde você reagiu negativamente. Livros vão te ler! A Amazon vai lembrar de tudo isso. A Amazon escolherá o que você precisa ler e saberá como ativá-lo e desativá-lo.

Talvez você não consiga se desconectar da rede, daqui a algumas décadas. Os tecnólogos médicos esperam que os humanos tenham inserido em seus corpos muitos dispositivos biométricos, órgãos biônicos e nanobots, que irão monitorar sua saúde, procurar ameaças e nos defender de doenças. Eles operam 24 horas por dia e exigem atualizações regulares para impedir que hackers interfiram. O

humanismo, que confere autoridade ao indivíduo, pode desaparecer à medida em que a autoridade é transferida aos algoritmos não humanos. A fusão do orgânico e do inorgânico está acontecendo ao nosso redor agora. Milhões de pessoas a adotam, realizando grande parte de nossas vidas on-line, compartilhando pensamentos e sentimentos íntimos e sacrificando a privacidade.

. O perigo é que um mundo Orwelliano possa se desenvolver, em que o Estado possa monitorar e controlar não apenas nossas ações, mas o que ocorre dentro de nossos corpos e cérebros. É mais provável que o indivíduo se desintegre não como resultado das ações brutais de regimes autoritários, mas gradualmente de dentro, à medida que corporações e governos nos desconstroem em subsistemas bioquímicos monitorados com sensores que estão em toda parte - em nossos lares, nos artigos que usamos e vestimos, e mesmo embutidos em nosso corpo, analisados por algoritmos em rede sobre os quais não temos controle.

A terceira grande ameaça ao humanismo é que uma pequena classe privilegiada e indispensável de elites de humanos melhorados governará os algoritmos externos, possuindo habilidades sobre-humanas e criatividade. Eles assumirão a maioria das decisões importantes no mundo, particularmente aquelas relacionadas aos serviços cruciais executados pelos sistemas. Mas a maioria dos humanos não será melhorada e pertencerá a castas inferiores, dominadas por esses super-humanos e pelos algoritmos de computador. No século 20, a ciência médica procurou curar os doentes. No século XXI, a ciência médica irá, cada vez mais, melhorar a saúde. Portanto, daqui a 50 anos, enquanto os pobres poderão desfrutar de serviços de saúde muito melhores, a diferença entre eles e os ricos será muito maior. Os ricos serão capazes de pagar pelos tratamentos médicos mais avançados. Mas os ricos também podem não estar dispostos a pagar pelos cuidados de saúde dos pobres, particularmente se os pobres são incapazes de trabalhar.

Esse pequeno grupo de elites sobre-humanas usará sua imensa riqueza e posição privilegiada para buscar a extensão da vida, até imortalidade, felicidade ilimitada e poderes semelhantes aos dos deuses, com a ajuda da crescente bonança em engenharia genética, nanotecnologia e drogas que alteram o humor. Tudo integrado com interfaces computador-cérebro. Eles possuirão habilidades físicas e mentais aprimoradas, que lhes permitirão competir com sofisticados algoritmos não-conscientes. Todos os outros dependerão do último para suas decisões mais importantes. Isso não é ficção científica. Os primeiros estágios estão acontecendo agora.

Na próxima parte deste artigo, discutiremos o surgimento do tecno-humanismo, assim como a possibilidade de escolha para a reforma e a renovação do humanismo liberal, que será sustentada pela sabedoria e prática do Yoga.

(Continua.)



3

Entendendo e gerenciando a raiva com a meditação

Por M. G. Satchidananda

A raiva é tanto uma causa como uma manifestação do sofrimento. Ela é experienciada primeiro no corpo vital como uma desagradável sensação de desprazer, acompanhada de antagonismo e pensamentos negativos no corpo mental. Normalmente, está relacionada a algum de nossos apegos, por exemplo, a posses, reputação, necessidade de estar certo ou de ser superior. Ela nasce sempre do egoísmo. Suas fontes incluem sentimentos de medo, irritação, impaciência, frustração, estar na defensiva, sentir-se machucado ou insultado.

Por exemplo, alguém faz um comentário depreciativo sobre você nas redes sociais. Você reage com raiva e fica na defensiva. Você está cheio de pensamentos negativos não somente a respeito da pessoa que julgou você injustamente, mas também pensamentos de por quê as observações são tão imprecisas e inconsistentes com a visão que você tem de si mesmo.

O que fazer com sentimentos de raiva geralmente depende da cultura em que cada um vive. Em algumas culturas, manifestar a raiva é fortemente desencorajado. A supressão da raiva é necessária. Mas, isso geralmente leva à raiva e ao desespero. Nos sentimos melhores quando expressamos isso. A psicologia ocidental encoraja a sua expressão e há toda uma indústria de terapeutas que são pagos para ouvir os outros expressarem a sua raiva. No entanto, expressá-la pode reforçar uma reação negativa habitual. Ao mesmo tempo em que nos sentimos melhor depois de gritar com raiva com as pessoas que amamos, ou ao falarmos palavrões, as consequências negativas estão a caminho.

Nós perturbamos os outros. Nós também, normalmente, nos arrependemos das palavras proferidas em um ataque de raiva. E não podemos voltar atrás. Temos que encarar as consequências de seus efeitos nos outros. Eles têm um efeito corrosivo em nossa própria fisiologia e nossa disposição psicológica. O hábito de expressar a raiva cresce e fica mais forte cada vez que a expressamos. Expressar a raiva também não remove a sua causa. Se você está com raiva de si mesmo por algum erro, e continua segurando esse sentimento, você também pode desenvolver outras formas de doenças emocionais, incluindo culpa, falta de confiança, ansiedade e depressão.

A abordagem ióguica sobre a raiva começa com a observação, em vez de suprimi-la ou expressá-la. Isso se baseia no reconhecimento de que sentir raiva não é o mesmo que expressá-la. Existem dois passos. Primeiro, reconhecer sua presença, com consciência e sem julgamento, quando você sentir o primeiro sinal da raiva, percebendo como sua respiração muda, onde está a tensão no seu corpo, como sua frequência cardíaca pode ter acelerado, e como seus pensamentos podem estar confusos. Perceba seu corpo e correlacione essas sensações com a emoção da raiva. Fique atento e observe. Quanto mais familiarizado com a raiva você se tornar, menos medo ou aversão a ela você vai expe-

rienciar. Reconheça a distinção entre dor e sofrimento. Como Buddha disse, não é a primeira flecha que causa o dano, mas a segunda e a terceira flechas. Ele estava se referindo a como nós reagimos a emoções como a raiva, e como reagimos as nossas reações.

No segundo momento, aceite sua presença. Ao fazer isso, você conseguirá manter a sua eqüanimidade. Normalmente, as pessoas não aceitam a presença da raiva porque elas têm aversão ao seu desagrado, e tentam livrar-se dela expressando-a ou suprimindo-a. O que geralmente causa sofrimento é a resistência ao agora, pelo desejo de que o momento fosse outro, diferente. Quanto maior a resistência, se a emoção é sentida como raiva ou medo, maior é o sofrimento e a probabilidade de reagir de maneira inábil. A aceitação é um consentimento alegre e completo de como tudo está acontecendo agora, no momento presente.

Ao estar presente com o sentimento de raiva você cria um espaço mental mais amplo, onde pode escolher qual a melhor forma de reagir ao que quer que tenha provocado isso, ao invés de simplesmente reagir de uma maneira habitual. Você pode se permitir algum tempo para a raiva subir e descer antes de escolher, conscientemente, falar ou agir. Faça algumas respirações profundas. Conte até cinco. Você terá menos probabilidade de reagir de maneira antagônica ou de alguma forma negativa. Mesmo se a situação exigir que você contenha a ação de uma criança imprudente, ou que alguém machuque fisicamente outra pessoa, você pode fazer tudo isso sem sentir raiva. Com mais espaço mental você responderá com sabedoria, habilidade e compaixão.

O processo de deixar ir uma falsa identidade

No exemplo anterior, em que alguém fazia um comentário depreciativo sobre você, imagine que qualquer resposta reflete seu próprio senso de identidade. Lembre-se que no processo de se tornar iluminado, existe um “quem” e um “o que” que realmente é.

Há também muitos seres com os quais você pode, e de fato se torna identificado, mas que não são em si mesmos quem e o que você realmente é. Por exemplo, existe a pessoa que está estressada e cansada, ou a compulsiva por ideias como “eu tenho que...” ou “coitado de mim”, ou “eu não consigo fazer isso”. A variação é vasta. São camadas e mais camadas, umas sobre as outras.

Essas camadas de falsa identificação compõem o que é chamado de mente. Quando o estresse e a fadiga desaparecem, você tem outras preocupações, emoções e sensações. Muitos desses ‘seres’ não são maus, porque eles ajudam você a sobreviver. Mas alguns deles são uma barreira para a iluminação quando o verdadeiro ser, ao atingir uma camada de identidade falsa, apega-se ao ser superidentificado com ele.

Como Pantanjali nos diz em suas Yôga Sutras:

Yôga é a cessação da identificação com as flutuações que surgem dentro da mente. Então, quem vê permanece em sua forma verdadeira. I.2-3.

Pela prática constante e desapegada, a identificação com as flutuações da mente cessa. I.12.

O desapego é o emblema de quem vê e ouve um objeto sem desejá-lo. I.15.

O verdadeiro ser não é qualquer ser; está além do ser e mesmo além do ‘não ser’. É aquilo que pode ser qualquer coisa, mas que não é absolutamente nada. Se não existíssemos, nunca seríamos capazes

de entrar em existência. Se fossemos, em última análise, qualquer qualidade, por exemplo, braveza, tristeza ou medo, então nunca seríamos capazes de ser felizes e nem qualquer outra coisa.

O processo de desidentificação é o que explica os níveis de iluminação. Alguém que vivencie a si mesmo como amor tem tocado em um aspecto mais profundo de sua verdadeira natureza do que normalmente é experimentado, mas se continua a se desidentificar mais profundamente, haverá mais níveis, incluindo o ser 'nada', ou o ser 'tudo, todo o universo em si'. Todo o processo de meditação é revelar as existências ocultas com as quais estamos inconscientemente identificados, desidentificá-las e liberá-las. Sempre que há um momento de desidentificação, há também uma oportunidade instantânea de ocorrer a experiência direta. Sempre que sentir raiva, pergunte a si mesmo: "Quem está com raiva?"

Meditação e raiva

Muitas pessoas enxergam a meditação como um escape da realidade, ou, na melhor das hipóteses, como uma forma de administrar o estresse. No entanto, a meditação também pode ser vista como um meio de nutrir uma mente saudável e que não se irrita com facilidade. É um fato que nosso estado mental é motivo determinante para zangar-se ou não, e também determina o grau em que você sente e manifesta isso. Outros fatores decisivos incluem coisas como se você está com fome, cansado ou fisicamente desconfortável.

Assim como acontece com muitos problemas, prevenir é melhor do que remediar. Veja como evitar a raiva nutrindo a mente com meditação.

1. Pratique, momento a momento, a atenção no cotidiano. Por exemplo, escaneie as sensações de seu corpo durante atividades rotineiras como caminhar, sentar, dirigir seu carro, sendo testemunha da passagem e da aparição de pensamentos, emoções e sensações. Praticar a presença continuamente também vai minimizar o risco de erros devido à falta de atenção.
2. Cultive pensamentos saudáveis. Deixe de lado os pensamentos negativos. Estude regularmente a sabedoria ou literatura inspiracional. Elabore auto-sugestões automáticas que são o oposto dos seus pensamentos negativos ou hábitos mentais e repita-os todos os dias durante pelo menos um mês, sempre que estiver em um estado profundamente relaxado. Estes vão substituir o hábito de reagir com raiva. Por exemplo, repita: "Quando o inesperado acontece, eu gosto de testemunhar o fluxo de sensações, emoções e pensamentos que surgem antes de responder, e fazê-lo somente se for de maneira benéfica para todos os envolvidos". Ou "quando eu me sinto frustrado comigo mesmo, ou perturbado por outros, lembro-me de perdoar".
3. Pratique o desapego cultivando a simplicidade, refletindo sobre a impermanência de suas posses, relacionamentos, até mesmo sobre algo intangível como sua reputação.
4. Medite em transcender o gostar e não gostar que vem da mente. Medite em sua verdadeira fonte de segurança e bem-estar, o Self, fazendo a pergunta: "Quem se sente irritado?" e "Quem sou eu?".
5. Medite sobre a prática observando todas as restrições sociais, os yamas: sendo sincero, evitando ferir os outros, cobiça, castidade e não tomar o que não pertence a você. Veja o e-book: Fazendo o oposto: "as cinco chaves do yoga para bons relacionamentos" para uma extensa discussão: http://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore.htm#opposite_doing_ebook
6. Estude seus padrões reativos com curiosidade. O que deixa você com raiva? O que aperta seus bo-

tões? Identifique aqueles que estão presentes há muito tempo. Você está segurando algum ressentimento? Rancores são apegos à raiva, e eles machucam apenas aqueles que continuam a segurá-los. Registre-os em um diário de meditação. Observe como eles se repetem em sua vida cotidiana.

7. Pratique o perdão. Não é suficiente dizer ou pensar “Eu te perdoo”. O perdão geralmente só vem depois de uma longa luta. Faça isso para libertar-se do efeito destrutivo da raiva e do ódio. Distingua a pessoa de suas palavras e ações. Perceba a nossa união. Pratique a repetição do “deixe ir” durante a meditação e na vida diária.

Karl Marx chamava a raiva de emoção revolucionária. Experimentando com habilidade, você pode fazer mudanças saudáveis em si mesmo e na sociedade. A chave para fazê-la habilmente é não permitir que se torne hostilidade, o que é perigoso. Hoje, forme uma intenção, um sankalpa, que você deixará de se identificar com a raiva, e que você não permitirá mais que a raiva determine suas ações, palavras ou pensamentos. Faça isso como uma auto-sugestão positiva. Medite profundamente sobre o significado do perdão e pratique-o na vida diária em relação a si mesmo e aos outros.



4

Perfil: Acharya Annapurna Ma

Compreendo a vida e tudo o que há nela como relacionamento entre as partes e o Todo, numa expressão do Amor Divino em sua compaixão extrema, dando às almas a possibilidade de despertarem de lila, o jogo cósmico, para realizarem a Consciência maior. Para isso, minha trajetória pessoal escolheu o Brasil como consciência envolvente, e uma família simples como âncora. Sou a terceira de quatro filhos.

Desde muito pequena, em minha realidade interna, sentia-me imersa em uma dimensão de harmonia, movimento e beleza. Aos três anos sofri uma convulsão febril cuja seqüela foi me deixar estrábica do olho direito. Desde então, o ajuste de visões passou a ser um vetor que reputo como o início de uma ação do dharma: ajustar visões para que toda a beleza e harmonia - tão claras no mundo interior da criança - obtivessem igual fluxo e expressão no mundo exterior.

Aos cinco anos, acompanhei meu pai ao hospital de uma cidade de praia após um desmaio durante as férias da família. Em um ano e meio de idas e vindas ao hospital, internações e altas antes de sua morte muito precoce, aos 40 anos, reconheço a presença da energia de Babaji nos momentos que antecederam e precederam sua morte:



em uma última visita, enquanto esperava autorização para vê-lo no estacionamento do hospital, tive um momento de júbilo: dois filhotes de onça, como por encanto estavam ali, e pude tê-los nos meus braços como manifestação de força e beleza. Um ou dois dias depois, ao receber a notícia de que ele estava morto, a continuidade da vida era o que pulsava em mim como verdade. E uma imensa fé de que estava tudo certo.

A infância seguiu para mim, a partir desse conhecimento entranhado de que o movimento é sagrado e de que tudo está certo, todo o tempo. Aos nove anos, o meu entusiasmo pela vida e a beleza dessa energia atraíram a luxúria de um irmão da minha mãe que, ao me levar de volta para casa, após passar o dia brincando de boneca com sua filha, me abordou abusivamente. Aqui reconheço a presença de Babaji e sua proteção. Apesar da violência e do descrédito do mundo adulto às palavras da criança, eu pude seguir sem rancor e sem traumas em direção à adolescência e à vida adulta. O ajuste de visões entre os mundos interno e externo estava lá, como desafio.

Na adolescência a realização do espírito pleno teve a Graça e generosidade de Babaji guiando o desfrute e o desvelar da arte e da exuberância da natureza em incontáveis experiências de imensidão e harmonia dentro e fora de mim: na dança, na música, no teatro, na imensidão dos rios, dos mares e céus do Brasil, em viagens sem destino definido, sem data de chegada, percorrendo meu interior em uma epifania de espaços infinitos em bondade, beleza e alegria. Ia sozinha, acompanhada, em um fluxo de fé e sincronicidades. A viagem era contínua. E, quando de volta à regularidade da vida, esse espírito era o que permeava tudo. As universidades de Ciências Sociais e Jornalismo não significaram nada perto da riqueza do que se passava dentro de mim. E, neste momento, desapegar das formas ficou muito fácil.

Foi neste contexto que conheci meu companheiro de vida e vivi integralmente a manifestação da realização da possibilidade do Amor Divino entre duas pessoas. Estar com ele trazia a dimensão do desapego. Foi simples, complexo, tudo junto e ao mesmo tempo. Em dois anos estávamos vivendo juntos e eu estava grávida da minha primeira filha.

A maternidade foi como a linha do Equador na trajetória da minha personalidade, e aqui, reconheço a mão que traçou essa linha: Babaji. Um filho como manifestação do Amor no adhara e o que reconheço como “encarnação” começou a se dar no processo de nascimento e do espanto prazeroso no reconhecimento da Unidade através da diversidade no outro, que apesar de tão próximo e conhecido era um bebe inteiramente livre e autônomo na trajetória de sua alma e personalidade, com desafios próprios, questões próprias. O caleidoscópio da vida se abriu em miríades de imagens, desafios, medos, ignorâncias e um mergulho profundo no desconhecido.

Um ano e dois meses depois nascia meu segundo filho. Trouxe consigo uma batalha pela sobrevivência ao adentrar a vida. Lá estava Babaji iluminando passo a passo a trajetória de seus 90 dias até que seu pulmão acabasse de se formar e a vida dele se afirmasse com muita alegria e determinação. Apesar dos prognósticos negativos eu tinha certeza que ele sobreviveria. Minha fé era inabalável. A cada ida ao hospital onde ele permaneceu por 21 dias no primeiro mês de vida, eu sentia dentro de mim a expressão do amor divino no fluxo de todas as mazelas da vida e via minha alma amparada, e via em cada um e em todos o mesmo. Meu filho só recebia alimentação por sonda, enquanto eu amamentava muitas crianças no hospital. E todos eram Um.

Quatro anos mais tarde a experiência da maternidade me coroou com minha própria morte no nascimento de minha terceira filha. Em um parto de emergência, ao invés da anestesia descer para os

membros inferiores, subiu pela coluna provocando a parada do meu coração e pulmão. Vi toda a cena, de cima, de um lugar de silêncio e calma: o anestesista tentando me reanimar, a equipe médica sentada apreensiva em frente ao meu corpo inerte. Até que o médico se levantou e disse que não havia mais tempo de espera e a assistente passou-lhe o bisturi. No momento da morte foi a voz de Babaji que ouvi dizer: “Não é hora de morrer. Agora esse bebê tem que nascer”. Por meio da dor do corte na minha barriga sem anestesia encaixei no corpo novamente, o bebê nasceu e voltei à vida.

Foi só depois da espiritualidade trabalhar tão intensamente que Babaji se apresentou formalmente a mim. Foi em um sonho, com instruções precisas sobre o que fazer. Nunca antes havia ouvido falar em Babaji. Mas, era a mesma energia amorosa, alegre e gentil de sempre, que sempre estivera comigo e agora ganhava um nome.

Apenas cinco anos após conhecer Babaji desta forma foi que a Kriya Yoga chegou. Lembro vividamente da minha sensação após receber a minha Primeira Iniciação: estava novamente em casa. Foi a mesma sensação que tive na minha primeira viagem à Índia, acrescida de uma alegria incomensurável. Foi como renascer em brilho dentro do coração. Na volta desta viagem a inspiração por aprender a cozinhar para muita gente foi plantada dentro de mim, e voltei para a escola em uma pós-graduação em gastronomia.

Em 2012 assisti ao nascimento de minha primeira neta, em 2015 ao nascimento do meu segundo neto, e no ano passado meu terceiro neto nasceu na minha casa, na minha ausência. Para mim, o nascimento dos netos foi o coroamento de muitas compreensões profundas sobre as dimensões do Eterno. Babaji, agora como Babaji, continua aqui.

Em 2014, para minha surpresa, recebi de Durga e Satchidananda o convite para fazer parte da Ordem dos Acharyas da Kriya Yoga de Babaji. Aceitei este convite a partir de um lugar profundo de gratidão e compromisso com a energia de Babaji.

Nesses últimos quatro anos atravessei grandes distâncias internas e se estou escrevendo este texto é porque a energia de Babaji me nutre e fortalece.

As vezes meu caminho é repleto de dificuldades, visto do ponto de vista da parte. E magnífico do ponto de vista do Todo. A energia de Babaji me nutre independentemente da oscilação de parte da minha consciência. Ter consciência disso é mais uma de Suas bênçãos.

Perfil: Acharya Ganapati

Cada ente humano é uma singularidade, uma afirmação intransferível, a invocação de um nome que só a ele pertence. Destino é realizar esse nome, que deve presidir a vida no tempo e o tempo de vida, vida após vida. “Trata-se de chegar a ser o que realmente se é”, disse Foucault, citando Nietzsche.

Reconheço meu destino.

Como judeu, cristão ou muçulmano, acredito ter sido, em outras vidas, um aspirante espiritual, empenhado em buscar a Verdade no contexto do monoteísmo semítico. Trouxe comigo a entranhada noção da Unidade, a nostalgia do Divino e uma ferida profunda.

Esse passado povoou minha infância. Ainda não tinha cinco anos quando percebi, pela primeira vez, sua presença.

O ateísmo também chegou cedo. Aos 13 anos. Foram as inconsistências factuais do Antigo Testamento que me empurraram para ele. Com os recursos intelectuais que tinha na época, eu só podia tomar o texto bíblico ao pé da letra. Não sabia que cada frase comporta múltiplas camadas de sentidos, podendo ser lida de muitas maneiras diferentes.

Na mesma época, conheci a geometria euclidiana, que proporcionou uma das mais deleitosas experiências intelectuais da minha vida. Demonstrar teoremas, munido exclusivamente da lógica, constituía, para mim, o suprasumo do Verdadeiro, do Bom e do Belo.

Já me encontrava bem plantado no ateísmo quando tive, aos 14 anos, minha primeira experiência mística. Ao contemplar o céu estrelado, em uma adorável noite de verão, senti-me imergir em um abismo sem fim. Por trás da pulsante massa de estrelas, percebi Algo grande demais, Algo que já não se deixava aprisionar por um nome, Algo diante do qual todas as minhas explicações pareciam insuficientes.

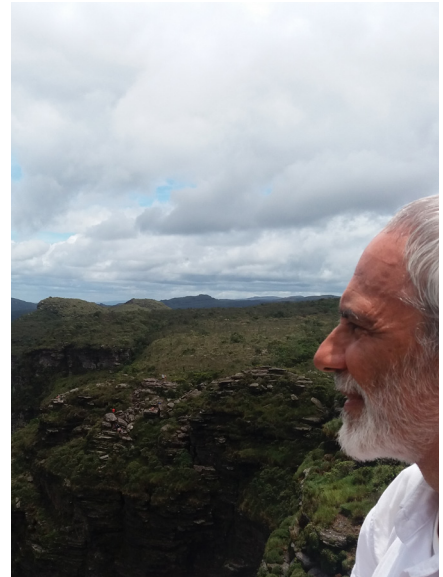
O impacto dessa experiência durou uma semana. Para recompor meu sistema de crença, apelei ao mais tolo dos “argumentos”: se a existência de Deus explica a existência do mundo, o que explica a existência de Deus? Jung chamou essas estratégias mentais de “reconstituição regressiva da persona”. Incapazes de integrar os desvelamentos, colocamos diante deles um filtro redutor. E trocamos o diamante puro da experiência pelo calhau da interpretação.

Tive que esperar mais 14 anos, até que uma nova oportunidade, com a mesma força, se apresentasse outra vez. Nesses 14 anos, ampliei meus conhecimentos científicos, ao preço de um velamento, cada vez maior, da luz espiritual.

Porém não fiquei parado: pratiquei judô e caratê, chegando à faixa preta; recebi aulas de pintura; cursei engenharia química na Universidade de São Paulo; e, fortemente influenciado pela literatura marxista, engajei-me no movimento estudantil e ingressei em um partido clandestino que lutava contra a ditadura civil-militar brasileira. Os tempos eram sombrios. Amigos meus foram presos, torturados e mortos pela polícia política. Eu mesmo tive que me esconder algumas vezes.

Nessa época, vim a saber da existência de Bábjai, por meio da Autobiografia de um iogue, de Paramahansa Yogananda. Abri o livro com um sorriso displicente. E deparei-me com o que julguei ser uma sucessão de absurdos. Pois o sobrenatural parecia se insinuar por trás de cada parágrafo. No entanto, foi exatamente o mais miraculoso dos capítulos, aquele em que Yogananda apresenta Bábjai, que capturou com força minha atenção. Enquanto a mente racional dizia que aquilo era puro disparate, outra instância de minha consciência sentia o toque silencioso e gentil que, com o tempo, viria a despertá-la de seu torpor. Coloquei o livro de volta na estante, mas uma semente havia sido plantada em meu interior.

Por volta dos 28 anos, um poderoso impulso interior me fez abrir mão de tudo o que eu imaginava constituir minha vida: a militância política, o marxismo, meu primeiro casamento. Com uma dieta radical, emagreci 10 quilos. Sessões de terapia corporal e aulas de dança despertaram meu corpo de um prolongado embrutecimento. Um vigoroso élan criativo reconduziu-me ao desenho, à pintura e à poesia. Livre do compromisso matrimonial, entreguei-me a várias experiências amorosas.



Em um livro sobre a teoria do Big Bang, deparei-me com um número que estilhaçou minha consciência como um tijolo atirado na vidraça. Refiro-me à chamada Temperatura de Planck, da ordem de 1032 Kelvin. Segundo o modelo-padrão, esta seria a temperatura do universo uma ínfima fração de segundo depois do instante primordial. A ideia de uma temperatura infinita não teria me impressionado tanto. Porque o infinito não é nada que possa ser de qualquer forma representado. O finito, porém, pode ser traduzido em números. Eu sabia que um meio material cuja temperatura pudesse ser associada a 1032 K teria que ser 10 milhões de milhões de milhões de milhões de vezes mais quente do que o centro do Sol!

Como a noite estrelada dos meus 14 anos, esse número vertiginoso me precipitou em um abismo místico. E o paroxismo da materialidade fez colapsar o meu materialismo. Encarando a Temperatura de Planck como uma derrota pessoal, testemunhei meu sistema de crenças naufragar sem salvação.

Seguiu-se um período de intensa procura. Buscando algum tipo de resposta, eu passava as noites desenhando. Começava sem saber o que desenhar, entregando-me à espontaneidade do gesto. Até que surgia uma forma arquetípica, indicando um caminho a seguir.

Meu conhecimento intelectual das tradições espirituais era praticamente nulo. E eu me agarrava aos poucos fragmentos que encontrava. Um amigo aconselhou que eu lesse *Viagem a Ixtlan*. Li, reli e memorizei várias passagens deste e de outros livros de Carlos Castañeda – até enjoar deles. Depois, transitei para outros autores. A literatura de inspiração sufi despertava em mim um imediato sentimento de familiaridade. Eu a recebia sem dificuldade, como se, de alguma maneira, já a conhecesse há muito tempo.

Foi no curso desse intenso processo de descoberta ou redescoberta, que descobri ou redescobri aquela que viria a ser minha segunda esposa, mãe de meus filhos e companheira de todas as horas: Márcia. Essa relação estabeleceu para mim o padrão-ouro do que pode ser o amor humano. Antes de conhecê-la, eu pensava conhecer o amor, mas, de fato, não o conhecia.

A vida em relação -- primeiro com a Márcia e depois incluindo também meus filhos -- trabalhou-me como um martelo malhando o ferro quente e constituiu uma das forças que impulsionou minha evolução. A outra força foi despertada por duas experiências vividas no contexto da Respiração Holotrópica, a técnica de autoconhecimento e autotransformação desenvolvida por Stanislav e Christina Grof.

Foram, sob todos os aspectos, as duas experiências mais poderosas e sublimes que tive até hoje. Não me sinto autorizado a compartilhá-las aqui. Basta dizer que a primeira, ocorrida por volta de meus 35 anos, inundou-se do Amor Divino. E que a segunda, ocorrida por volta dos 42 anos, colocou-me diante da incomparável presença de Bábjaji e me deu a certeza de ser Ele o meu mestre nesta vida. Essas duas experiências redirecionaram toda a minha existência.

Eu já possuía, então, muito conhecimento livresco sobre as tradições espirituais. E também algum conhecimento prático. Comecei esse estudo no início dos anos 1980, pesquisando a biografia do grande astrônomo alemão Johannes Kepler (1571 – 1630). A partir dele, sempre procurando conhecer “os que vieram antes”, avancei em sentido contrário ao da linha do tempo, rumo a referências cada vez mais antigas: Nicolau de Cusa, Meister Eckhart e Roger Bacon; os cabalistas judeus, os sufis muçulmanos e o Pseudo-Dionísio Areopagita dos primeiros séculos do cristianismo; os neoplatônicos gregos, os siddhas indianos e os xamãs pré-históricos. Eu mesmo brincava com essa compulsão pelo passado, dizendo que não me interessava por nada que tivesse menos de 800 anos.

Meu interesse pelo xamanismo levou-me a frequentar regularmente uma aldeia indígena guarani,

onde entrevistei os pajés (xamãs), presenciei cerimônias de cura e participei do Nimongaraí, o ritual de atribuição dos nomes, no qual recebi um nome indígena.

Em meados da década de 1990, fui convidado a participar de uma viagem à Jordânia e a Israel. Foi uma experiência extremamente rica, que teve, como ponto culminante, minha visita ao Domo do Rochedo, em Jerusalém. Conhecer o Domo do Rochedo, Qubbat al-Sakhrah em árabe, era minha ideia fixa. E a viagem me permitiu realizá-la.

Não me lembro exatamente quando, mas com certeza depois de 1995, iniciei uma prática espiritual que se estendeu por alguns anos. Consistia na recitação silenciosa e muito lenta do Pai Nosso. Comecei procurando esgotar intelectualmente o significado de cada palavra, explorando todas as conotações que pude descobrir. Depois, associei sentimentos e sensações à prece. Logo, acrescentei também visualizações. Fazia este exercício de várias maneiras: sentado, em pé, caminhando. Minha opção favorita era fazê-lo no trajeto de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Muitas vezes, eu levava horas para completar uma única oração. Fiz do Pai Nosso meu alimento espiritual diário, até receber, na Segunda Iniciação em Kriya Yoga, o Mantra-Raiz de Bábaji. E, mais tarde, o Mantra da Entrega Total.

Minha Primeira e Segunda Iniciações no Kriya Yoga, ministrada por Govindan Satchidananda, ocorreram no início de 1998, cerca de cinco anos depois de eu ter recebido o Darshan sobrenatural de Bábaji. Nesse período intermediário, um sonho altamente significativo me indicou o caminho a seguir. Eu me vi diante de um velho edifício, localizado no centro de São Paulo. E recebi a instrução de que aquela era a sede de uma antiga confraria espiritual, agora em nova fase de sua existência. A mim cabia comunicar, escrevendo na fachada em “letras de ouro”, o sentido desse nobre empreendimento. E a frase a ser escrita era uma sentença atribuída no sonho ao profeta Muhammad: “Mantenha a Tradição que a Inspiração virá”.

O sentido do sonho é bastante evidente. E relaciona-se com aquela que tem sido, afinal, a diretriz de minha vida, há já bastante tempo: comunicar pela palavra, falada ou escrita, o legado da tradição, contribuindo assim, ainda que minimamente, para o desenvolvimento da consciência daqueles que consigo alcançar.

Houve muitos outros sonhos instrutivos. E também importantes experiências visuais e auditivas. Mas não posso me estender sobre isso aqui.

Ao escrever este depoimento, percebo que, transcorridos 20 anos desde a Primeira Iniciação, tendo recebido várias vezes as 144 kriyas da Terceira Iniciação, tendo visitado várias vezes os locais associados ao shaiva siddhanta na Índia, tendo lido, estudado e até traduzido excertos da literatura dos siddhas, tendo-me tornado acharya, com a missão de transmitir aos outros os conhecimentos dessa tradição, ainda não integrei de todo o Kriya Yoga à minha vida.

Prossegui, porém, meus estudos sobre as tradições espirituais. Dei cursos introdutórios sobre xamanismo, shivaísmo, taoísmo, pitagorismo, neoplatonismo, qabalah, mística cristã e sufismo, contextualizando cada uma dessas tradições com informações históricas, filosóficas, científicas e artísticas. Escrevi cinco livros e já publiquei centenas de artigos a respeito. Estou envolvido, agora, na tradução e edição em português de parte da correspondência escrita por Sri Aurobindo a seus discípulos.

A vocação para a comunicação, oral ou escrita, tornou-se clara para mim. A pergunta que tantas vezes eu me fizera acerca do destino, sobre o que vim fazer nesta vida, foi respondida pelo próprio desenrolar dos acontecimentos. Por isso, ao ser introduzido na Ordem dos Acharyas, em Badrinath, nos Himalaias, recebi, com alegre tranquilidade, o nome espiritual Ganapati.



5

Notas e notícias



Festival Om Guru Om, em Cunha, de 14 a 20 de novembro de 2018,

Com M. G. Satchidananda e Durga Ahlund. Este é o 20º aniversário das atividades da Kriya Yoga de Bábaji no Brasil. Vamos juntos celebrar a elevação da consciência, a manifestação do amor e a verdadeira inspiração para uma vida cheia de energia, paz e beleza.

Angariação de fundos para apoiar a mudança do nosso ashram em Dehiwala, no Sri Lanka.

O local anterior não é mais viável devido à construção de uma rodovia costeira pelo governo. Estamos planejando alugar uma casa em um subúrbio de Colombo, onde a Acharya Kriyananadamayi e outros sadhakas podem oferecer aulas públicas gratuitas e seminários de iniciação em Kriya Yoga. Você pode fazer uma doação única ou solicitar uma doação mensal através do seu cartão de crédito para a Ordem de Acharyas de Kriya Yoga de Babaji pelo nosso site: <http://www.babajiskriyayoga.net/english/kriya-yoga-contribution.htm>

Peregrinação ao novo ashram de Badrinath, com Acharyas Ganapati, AnnapurnaMa e Shivas

De 1 a 18 de setembro de 2018. Com M.G Satchidananda e Durga: de 20 de setembro a 8 de outubro de 2018. Junte-se a nós nessa experiência transformadora e inesquecível ao lugar onde Babaji alcançou soruba samadhi, o último estado de iluminação. Pela primeira vez, poderemos usar todas as facilidades. Mais informações aqui: <http://www.babajiskriyayoga.net/english/Pilgrimages-himalayas.htm>

Calendário de eventos e iniciações no Brasil:

http://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/event.php#babaji-festival-gathering_br

Segunda iniciação: com M.G Satchidananda, em Quebec, de 19 a 21 de outubro de 2018.

Terceira iniciação será oferecida por M. Govindan Satchidananda em Quebec

De 5 a 14 de julho de 2018. Também por Satyananda na Alemanha, Nityananda na Espanha, Sita Siddhananda na França e Ishvarananda na Estônia. No Brasil, será oferecida por Nagalaksimi, de 3 a 12 de novembro, em Cunha, São Paulo. Alcance a meta da Autorrealização com kriyas poderosas para acordar os chakras e, assim, entrar no estado de samadhi, com suspensão da respiração.



Badrinath ashram”



A Sabedoria de Jesus e os Ioga Siddhas,

Por Marshal Govindan

224 pgs, referências bibliográficas, capa mole, 15 x 22 cm.

Preço: R\$ 53 / Frete: R\$ 12. / ISBN 1-987972-07-8

Este livro fornece uma comparação entre os ensinamentos originais e mais autênticos de Jesus, como exemplificado em suas parábolas e falas paradoxais, e conforme determinado pela pesquisa histórica moderna e crítica, com os ensinamentos notavelmente semelhantes aos dos Yoga Siddhas.

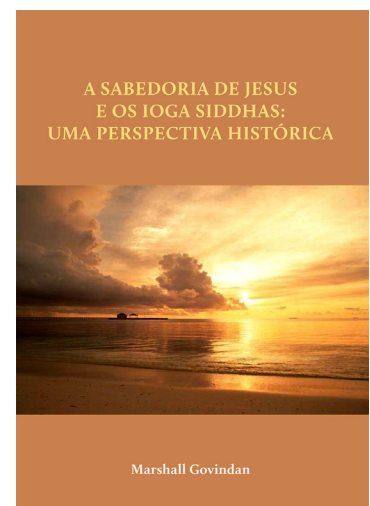
Prefácio, Escrito por Georg Feuerstein, Ph.D:

“Fiquei surpreso e encantado quando recebi este livro. Surpreso porque não esperava que Marshal Govindan, um professor de Kriya Yoga, fosse um estudioso de Jesus. Encantado porque compartilho com Govindan a fascinação por Jesus, e porque o livro oferece um excelente panorama do que hoje são considerados fatos razoavelmente estabelecidos sobre Jesus e seus ensinamentos. A exposição clara de Govindan sobre a emaranhada teia dos estudos do Novo Testamento por si só recomenda o livro a um público cristão ou com conexões cristãs.

Mas A Sabedoria de Jesus e os Ioga Siddhas faz mais que ensaiar evidências acadêmicas. Como sugere o título, o livro relaciona de maneira única os ensinamentos de Jesus e os dos Siddhas do sul da Índia. Isso pode parecer um salto intelectual bem grande, mas Govindan conseguiu substancialmente fazer essa comparação funcionar. Seu livro é sistemático e responde todas as questões-chave que alguém poderia ter a respeito do tema. Os leitores não só compreenderão de forma muito mais ampla a figura do Deus-homem Jesus, mas também obterão um vislumbre valioso das extraordinárias realizações e pensamentos espirituais dos grandes Siddhas do Tamil Nadu.

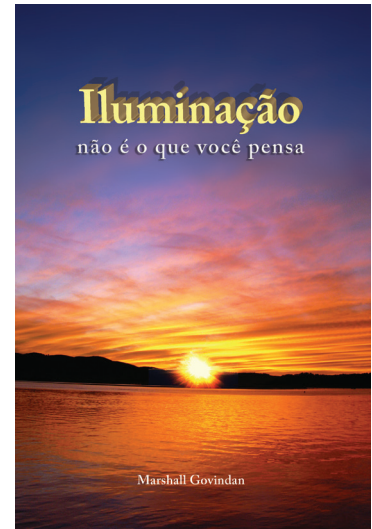
Este livro será de particular interesse aos cristãos praticantes de Yoga, que descobrirão um Jesus (baseado no estudo do Novo Testamento) muito mais plausível e atraente do que o Jesus remodelado do cristianismo convencional.

Este é possivelmente o trabalho mais envolvido e envolvente de Govindan até hoje.”



Iluminação: não é o que você pensa nossa publicação mais recente, de Marshal Govindan, revela como é possível substituir a perspectiva do ego – o hábito de identificar-se com o corpo, as emoções e os pensamentos – por uma nova perspectiva: a da Testemunha, aquela da alma, pura consciência. Com uma lógica convincente, práticas para o cotidiano e meditações guiadas, o livro explica como você pode se libertar do sofrimento, desfrutar de paz interior e encontrar orientação intuitiva. *Iluminação: não é o que você pensa* é leitura obrigatória por ser prático, simples e significativo. É uma ferramenta decisiva que podemos usar para encontrar o propósito da vida.” – **Pandit Rajmani Tigunait, Ph D., líder espiritual do Himalayan Institute**

Disponível em português. R\$ 35 mais R\$ 10 de taxa de entrega. Peça a Nagalaksimi pelo e-mail kriath@uol.com.br ou compre com cartão de crédito em <http://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/bookstore.php>



Visite nossa loja online para comprar todos os livros e outros produtos vendidos pela Babaji's Kriya Yoga Publications ou para fazer doações à Ordem dos *Acharyas* com cartão de crédito (VISA, American Express e Master Card). As informações do seu cartão são criptografadas e mantidas em segurança. Confira! www.babajiskriyayoga.net

Inscreva-se no Curso da Graça da Kriya Yoga de Bábjai, um curso por correspondência.

Convidamos você a se juntar a nós nessa aventura de Autoconhecimento e descoberta, elaborada a partir de livros ditados por Babaji em 1952 e 1953. Receba por e-mail, a cada mês, uma aula de 18 a 24 páginas sobre um tema específico, com exercícios práticos. Veja mais detalhes aqui: http://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/bookstore.php#grace_course

Visite o blog da Durga: www.seekingtheself.com

Aviso aos assinantes do Jornal da Kriya Yoga de Bábjai: O jornal será enviado por e-mail para todos que possuem um endereço eletrônico. Pedimos que nos informe para qual e-mail gostaria que enviássemos o jornal. Solicitamos, caso usem algum antispam, que adicionem o endereço info@babajiskriyayoga.net na sua lista de exceção. O jornal será anexado com as fotos no formato PDF e pode ser lido por meio do Adobe Acrobat Reader. Você também pode pedir o seu exemplar em arquivo de Word, não formatado e sem fotos. Lembre-se de enviar uma mensagem renovando a assinatura, até setembro de 2018, para receber a próxima edição.

